

## ALBERT CAMUS — FILÓSOFO?

Há aproximadamente 100 anos, dizia Eça de Queirós, com muita ironia e não menos verdade, que a «civilização» chegava a Portugal através do paquete do Havre! Sem tomarmos a afirmação demasiado à letra, teremos todavia de admitir que, no domínio da literatura e até no da filosofia, sempre sofremos um ofuscamento e uma particular inclinação pelas luzes de além-Pirinéus...

Poder-se-á dizer, portanto, que o pensamento francês é geralmente bem aceite no nosso país e o facto da obra de A. Camus ser bastante divulgada em Portugal poderá ter como explicação remota tal preferência intelectual. Não creio, todavia, que o motivo dessa aceitação repouse simplesmente na etiqueta gaulesa que acompanha o Prémio Nobel de Literatura de 1957. Suponho que a meditação de sabor existencial empreendida por Camus entre os anos 30 e 60, vem ao encontro duma série de questões comuns aos homens do nosso tempo, particularmente àqueles para quem o encontro com a realidade jamais se deve revestir com o disfarce da mentira, por mais piedosa que esta seja — herdeiros conscientes daquele desejo de «teoria», do ver claro, de formas distintas e brilhantes que lançaram no domínio do «logos», há quase 30 séculos, os primeiros aventureiros do mundo da filosofia!

Em Camus estão presentes as eternas questões da vida e da morte, do amor e da justiça, da solidão e da solidariedade, da liberdade e da escravidão — problemas-chave da filosofia entendida como salvação da existência<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. Abranches de Soveral, E. in *Pascal, Filósofo Cristão*, ed. Tavares Martins, Porto, 1969, pág. 17.

Não parece pois trabalho inútil ensaiarmos uma tentativa de descrição das linhas gerais do seu pensamento, através dos seus trabalhos, já bastante extensos, se atendermos à sua morte prematura em 1960, com 47 anos de idade.

Nascido em 1913, num bairro pobre de Argel, a sua juventude foi repartida entre a miséria material e a doçura duma natureza benigna, que desde logo lhe ensinou as profundas satisfações provenientes da plenitude dos sentidos. «... Daqui a bocado, quando me atirar para o meio dos absintos para fazer entrar o seu perfume no meu corpo, terei consciência, contra todos os preconceitos, de cumprir uma verdade que é a do Sol e que há-de ser também a da minha morte. Num sentido, é bem a minha vida que eu jogo aqui, uma vida com sabor a pedra quente, plena dos suspiros do mar e das cigarras que começam a cantar neste momento»<sup>2</sup>.

As «Nourritures Terrestres» de Gide, cedo lhe abriram os caminhos duma literatura que prima pela beleza formal; e Nathanaël, o herói da narrativa, preso a um certo panteísmo naturalista, está, de certo modo, aparentado com o jovem Camus. «... Um dia entregou-me um livro, assegurando-me que o tema me interessaria. Eu lia tudo, confusamente, nessa altura; devia ter aberto as «Nourritures Terrestres» após ter terminado as «Lettres de Femme» ou um volume de «Pardaillan». Estas recordações parecem-me obscuras. Espantava-me perante o hino aos bens naturais. Em Argel, com 16 anos, encontrava-me saturado de tais riquezas, desejando atingir outras diferentes, sem dúvida. (...) Entreguei o livro ao meu tio, dizendo-lhe que, com efeito, ele me tinha interessado. Depois regresssei aos dias de praia, aos estudos simples e leituras agradáveis, e também à difícil vida que era a minha. O encontro tinha falhado...»<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. in *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade, ed. Gallimard, Paris, 1965, pág. 58.

<sup>3</sup> *Ibidem*, pág. 1117.

Bafejado pela sorte, auxiliado por uma enorme capacidade de trabalho e força de vencer, acabou por se licenciar em filosofia, apresentando uma tese sobre Plotino.

Apesar das grandes experiências estarem ainda para chegar, o jovem argelino tinha já em si os grandes tópicos do seu pensamento — o desejo de justiça e solidariedade, a plenitude dos momentos de participação com uma natureza que é eterna moeda de duas faces, pois tanto transmite a luminosidade das manhãs belas, como o aniquilamento no silêncio e na morte prefigurada pelas coisas. «... Existirá algo por trás dos céus húmidos e das planícies do amanhecer, por trás dos perfumes e das flores? E quem sou eu para falar de tudo isto, deste mistério absorvente, quem sou eu senão aquele que crê? Mas não é naquilo que está por trás dos perfumes e das flores que eu acredito, é nos perfumes e nas flores. É na aparência...»<sup>4</sup>. Eis-nos perante um mundo-fronteira, uma situação limite entre uma aspiração transfinita de unidade e a contingência do mundo, uma situação desde logo absurda porque indesejável. «... Aí estava todo o meu amor da vida: uma paixão silenciosa por aquilo que se me vai escapar, uma tristeza sob uma chama...»<sup>5</sup>.

Contudo, as coisas estão distantes de nós e a sua humanidade, a sua face sorridente, mais não é que um empréstimo a curto prazo, concebido pelo próprio homem. No fundo, são aquilo que mais distante se encontra do nosso mundo mais profundo. Entre elas e a consciência há um fosso quase intransponível e o homem pode sentir-se um estrangeiro no seu ambiente — o corpo, para além de fonte de prazeres é, também, a prisão dourada que nos arrasta para o aniquilamento inevitável. «... O que sempre me espanta, comparativamente à nossa prontidão em discutir sobre outros assuntos é a pobreza das nossas ideias sobre a morte. É bom ou mau. Tenho medo ou invoco-a. Tudo isto demonstra que aquilo que é simples nos ultra-

---

<sup>4</sup> *Ibidem*, pág. 1173.

<sup>5</sup> *Ibidem*, págs. 43-44.

passa. Que é o azul e que pensar do azul? A dificuldade é a mesma com a morte. (...) Invejo aqueles que hão-de viver, para os quais flores e desejos de mulheres terão todo o seu sentido de carne e sangue. Tenho inveja, porque amo demasiado a vida para não ser egoísta. Que me importa a eternidade...»<sup>6</sup>.

O mundo é simultaneamente belo porque desejável, e absurdo, porque momentâneo e fugaz! Num cenário com tão poucas personagens, as hipóteses de escolha não são muitas: ou me socorro dum ser transcendente que me possa salvar, ou aceito a destruição, na aceitação plena e irremediável do momento, usufruindo, com uma felicidade quase desesperada, o fruto maduro da minha existência.

Camus opta pelo segundo caminho, num «rendez-vous» continuado com a morte, sem esperança de salvação e, apesar de tudo, possuído duma indómita vontade de viver! «... Este cristal onde sorria a face do mundo, parecia-me capaz de ser quebrado por um só gesto. Qualquer coisa ia destruir-se, o voo dos pombos morrer e cada um deles cair lentamente sobre as asas desfeitas. Sós, o meu silêncio e a minha imobilidade tornavam possível aquilo que parecia tão forte à ilusão. Entrava no jogo. Sem ser enganado, prestava-me às aparências. (...) Dentro de um minuto, um segundo, talvez agora, tudo poderia ser destruído. E contudo o milagre continuava...»<sup>7</sup>.

Estas reflexões estão claramente patentes no seu primeiro ensaio filosófico — «O Mito de Sísifo», no qual se trata do problema da legitimidade do suicídio, por ele encarado como a primeira questão filosófica a ser tratada. Efectivamente, escolher se a vida vale ou não a pena ser vivida, é condição indispensável de tudo o resto. A opção feita, apesar de inesperada, acaba por se revestir duma coerência interior. Em princípio, um homem para quem o mundo se encontra despido de qualquer significado, um exílio sem amanhã e sem salvação, melhor escolha não teria que abre-

---

<sup>6</sup> *Ibidem*, págs. 64-65.

<sup>7</sup> *Ibidem*, págs. 43-44.

viar por suas mãos o fim inevitável, abrindo violentamente as portas para o precipício do nada!

E, no entanto, a verdadeira coragem é viver, assumindo, apesar de tudo, a dignidade presente nos caminhos sem fronteira da existência, que estamos condenados a percorrer. O absurdo não nega a felicidade, retira-lhe sim um sentido teleológico.

Subindo a montanha com o seu rochedo, numa tarefa que reconhece interminável, Sísifo sofre, mas não desiste. É um herói trágico, porque consciente e sem qualquer esperança. A maior tortura consiste em não duvidar nunca que, mal o cume seja atingido, a sua pedra rolará para o ponto de partida de há longos meses. Sísifo, ao resistir aos deuses, aceitando o seu castigo, justifica a sua vida contra tudo aquilo que a pretende negar e destruir. Segundo o autor, a verdadeira virtude do homem consciente é manter-se na estreita fronteira, onde o absurdo, a esperança e a morte travam o seu diálogo.

No primeiro romance, intitulado «O Estrangeiro», o personagem principal, Mersault, é a encarnação de Sísifo na plena solidão, não já da montanha mítica, mas da grande cidade.

A linguagem utilizada é fria, sincopada e com um certo tom patético. Mersault encarna o tipo de «anti-herói», se o compararmos com os grandes personagens da literatura romântica. É um homem sem destino, sem amigos e sem futuro! O seu presente quotidiano é a substancialização do tédio mais profundo e a aniquilação pelo hábito. Os gestos são mecânicos e o seu sorriso é mais o resultado de contracções musculares da face do que manifestação de alegria interior. É um homem fora do comum, que não utiliza os códigos sociais próprios do meio em que está inserido, sendo esta brecha existente entre ele e o grupo que o irá liquidar.

A notícia da morte da mãe praticamente não o abalou interiormente, mas o seu grande mal foi não ter exibido manifestações exteriores de pesar. Acidentalmente, acaba por matar um árabe com meia dúzia de tiros de pistola. É preso, julgado e condenado à morte. Deve notar-se, contudo, que foi condenado em grande parte por motivos alheios ao

crime que cometeu, pois a fúria do tribunal dirigiu-se, sobretudo, contra aquele que é capaz de fumar um cigarro e beber um café, displicentemente, enquanto faz companhia ao cadáver da mãe, numa noite de calor escaldante!

O certo é que Mersault morre... melhor, é morto pelo autor. «... Como se esta grande cólera me tivesse purgado de todo o mal, esvaziado da esperança, diante desta noite carregada de signos e de estrelas, eu abria-me pela primeira vez à terna indiferença do mundo. (...) Para que tudo ficasse consumado, para que eu me sentisse menos só, restava-me desejar que houvesse muitos espectadores no dia da minha execução e que eles me acolhessem com gritos de ódio...»<sup>8</sup>. Camus sabe que um homem ao viver exclusivamente o absurdo, está irremediavelmente condenado. Suponho até que o seu criador o condena deliberadamente à destruição. É uma fase de crise no pensamento camusiano, para quem o problema da miséria e da injustiça social merecia todos os esforços possíveis.

Apesar da nossa solidão perante uma eternidade impossível, é imperioso dever abrir as mãos aos companheiros de exílio.

Em pleno segundo conflito mundial, Camus escolhe a luta contra a opressão e a favor do entendimento entre os homens. O absurdo tende a destruir-se através da solidariedade, trazendo em si, não o suicídio e a imobilidade, mas a revolta, sendo um estádio que deve ser ultrapassado. Ninguém pode viver com o absurdo: é necessário que dele nos libertemos. «... O absurdo só tem sentido na medida em que nele não consentimos...»<sup>9</sup>.

Esta segunda fase da sua obra está presente no conhecido romance «A Peste» e no ensaio «O Homem Revoltado». O homem deve combater contra os flagelos que padece, os quais assumem sempre o «facies» dum sofrimento que mata e arruina.

---

<sup>8</sup> Cf. in *Théâtre, Récits, Nouvelles*, Bibliothèque de la Pléiade, ed. Gallimard, Paris, 1967, págs. 1211-1212.

<sup>9</sup> Cf. in *Essais*, pág. 121.

Os heróis da «Peste» são homens a combater em conjunto contra um inimigo comum, sentindo o absurdo duma situação injusta, recusando-se, contudo, à agonia rápida e sombria a que estariam condenados se se remetessem a um egoísmo desumano. O preço da luta é elevado, pois a peste cobra um alto juro àqueles que se atrevem a dar-lhe combate. Todavia, a vitória acaba por ser conquistada ao fim de longos dias.

Mas é bom não confiar, caindo em optimismos exagerados, pois o flagelo nunca é definitivamente vencido. Os seus bacilos ficam escondidos, num estado de letargia, podendo despertar de novo. «... Escutando os gritos de alegria que se elevavam da cidade, Rieux pensava que aquela alegria estaria sempre ameaçada. Sabia o que aquela multidão em delírio ignorava, e que se pode conhecer através dos livros. O bacilo da peste nunca morre nem desaparece, podendo ficar adormecido durante dezenas de anos nos móveis e na roupa, esperando pacientemente nos quartos, nas caves, nas malas, nos lenços e em velhos papéis, chegando talvez o dia em que, para infelicidade e lição dos homens, a peste acordará os seus ratos, lançando-os moribundos numa cidade feliz...»<sup>10</sup>.

A memória das pessoas é frágil e tende facilmente a diluir-se com o tempo. Contudo, a solidariedade venceu a crise. A revolta valeu a pena! Mas atenção, dirá Camus, a revolta tem limites e nem tudo é permitido, pois é muito fácil esta tornar-se num mostro incontrolável, arrastando o homem para a paixão da destruição e da mais profunda anarquia interior e exterior.

Através da noção de solidariedade, a revolta acaba por gerar a revolução, como união das recusas individuais. Mas, para além das suas virtudes, esta tem também os seus perigos, acabando o autor por lhe descobrir uma tentação de absoluto. A partir do momento em que a revolução, em nome dos princípios defendidos, cai num absolutismo histórico, entregando-se à criação dum clima de terror, para

---

<sup>10</sup> Cf. in *Théâtre, Récits, Nouvelles*, pág. 1474.

garantir uma felicidade e liberdade futuras e hipotéticas, está a pisar um limite que não deve ser ultrapassado. «... A análise da revolta conduziu-me à descoberta da afirmação dum limite por parte do revoltado, e, no interior movimento de rebelião, dum momento para além do qual a revolta se negava a ela mesma. Esta análise, e é ainda ela que é necessário discutir, conclui que a revolta, longe de ser uma negação sem limites, define-se justamente pela afirmação deste limite...»<sup>11</sup>.

A revolta, originariamente «tomada de consciência» individual, acaba por nos transmitir a realidade do «outro», como ser inserido numa mesma circunstância. Parafraçando Descartes, poderíamos dizer: «Revolto-me, logo existimos». Não deve esta atitude de normal contestação levar-nos até à justificação do assassínio e à legitimidade do aniquilamento gratuito do outro. «... eu simplesmente afirmei que a revolta sem a revolução termina logicamente num delírio de destruição e que o revoltado, se não se levanta em nome de todos, acaba por atingir um limite de solidão onde tudo lhe parece permitido...»<sup>12</sup>.

No «Homem Revoltado» o tema da noção de «medida» como equilíbrio entre contrários, vai ser reestruturado por Camus. É uma medida trágica e grega, que mantém o homem entre as suas fronteiras, sabendo que as não pode ultrapassar, sob pena de castigo. Deste princípio deriva uma regra de Talião: se a revolta levar ao assassínio, o seu autor deve pagar com a vida. Revolta e revolução são termos antitéticos, uma vez que, como já vimos, esta resulta do encontro das revoltas individuais, sendo legítima uma revolta contra a própria revolução, quando ela ultrapassar os seus limites. «... Sim, a revolta é a medida da revolução e vice-versa...»<sup>13</sup>.

O anarquismo mais não é do que a revolta pessoal levada ao absoluto, quando o indivíduo de «per si» chama às suas mãos a resolução, seja por que meio for, daquilo que considera ser o problema da comunidade. O «Homem

---

<sup>11</sup> Cf. in *Essais*, pág. 1709.

<sup>12</sup> *Ibidem*, pág. 1707.

<sup>13</sup> *Ibidem*, pág. 1710.



Revoltado» termina com um chamamento ao «Pensée de Midi», a um regresso às matrizes gregas. A vertigem dos acontecimentos do nosso mundo, opõe Camus a fixidez da Hélade primitiva, num equilíbrio entre a desmesura dionisiaca e a ordem apolínea formalmente presente nos grandes trágicos. «... Eu não ergui o Mediterrâneo contra a Europa, mas afirmei que esta já tinha demonstrado suficientemente que não podia passar sem aquele. Nem Fausto sem Helena, nem Helena sem Fausto, eis o que eu penso...»<sup>14</sup>.

A publicação desta última obra levantou grande celeuma no meios culturais franceses e, pouco tempo depois, uma verdadeira muralha de silêncio foi levantada em volta de Camus. Este, cansado por longos anos de luta, sente desejos de regressar novamente à sua terra natal, a Argélia, em busca do reencontro com o reino perdido da sua juventude, vivida entre um mar azul e um Sol brilhante.

O seu último trabalho de apreciável extensão, «A Queda», leva-nos ao encontro de um novo tipo de absurdo, o do homem cosmopolita, marcado por um bom número de experiências dolorosas. Numa sociedade na qual todos começam a sentir a tentação de julgar, as acusações feitas na pessoa dos outros acabam, através de um estranho e curioso movimento de «boomerang», por recair sobre nós mesmos. A liberdade que conquistamos arrasta com ela o seu quinhão de responsabilidade — o personagem fundamental da «Queda», Jean-Baptiste Clamence, ao intitular-se a si mesmo «juiz-penitente», traz em si um rótulo significativo das afirmações que acabámos de fazer.

A acção deste romance desenrola-se num bar perdido dum porto da Holanda, local de encontro de indivíduos de todas as raças, entre os quais se encontra Jean-Baptiste, famoso jurista parisiense, para cumprir a sua estranha missão. Será curioso notar este ponto — a escolha do local de acção, a Holanda, é talvez deliberada. É um país do Norte, sem Sol, nostálgico do Mediterrâneo! Um personagem amargo, desconcertado e desiludido com a existência vai confessar-se neste país, tão propício ao desânimo e tão ausente de todos

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, pág. 1711.

aqueles elementos que sempre foram sinónimos, para Camus, duma exaltação da vida. «... Refugiado em Amsterdam, numa cidade de canais e de luz fria, onde encarna um eremita e um profeta, este antigo advogado espera, num bar duvidoso, ouvintes complacentes»<sup>15</sup>.

A obra desenvolve-se em monólogo; descobrimos os diálogos através duma espécie de conversa em estilo telefónico, em que só sabemos as afirmações de Jean-Baptiste e adivinhamos as interrogações, dúvidas e questões postas pelo interlocutor, escolhido entre dezenas de pessoas que dia e noite passavam por aquele bar de marinheiros.

É um monólogo no qual se sente o tom duma auto-acusação, que espanta o confidente, metido numa charada para a qual não adivinha fim.

Todavia, com lentidão e subtileza, o juiz-penitente acaba por levar o interlocutor a admitir a existência duma hipocrisia generalizada na maior parte dos nossos gestos e acções. O estilo literário é artificial, rebuscado e mascarado, chegando a apresentar um raciocínio confuso, se o compararmos com a frieza impessoal do «Estrangeiro». Contudo, estas duas obras retratam experiências diferentes — a do absurdo ao nível individual mais puro nesta última e a experiência duma certa desilusão da vida em Clarence, o homem da grande cidade, que vive rodeado por um ambiente parcialmente apodrecido.

Ao sentir-se naufragar naquele plasma, o «juiz-penitente» retrata, no artificialismo da sua linguagem, a situação fictícia duma sociedade ultra-técnica, tão carecida de um equivalente progresso moral. «... Onde começa a confissão, onde a acusação? Aquele que fala neste livro fará o seu processo ou o do seu tempo? É um caso particular ou o homem do dia? Em todo o caso, uma única verdade neste jogo de espelhos estudado: o sofrimento e tudo aquilo que ele promete...»<sup>16</sup>.

Esta história é uma retratação e sentimos nela um tom confessional, que tem como fim uma espécie de purificação,

<sup>15</sup> Cf. in *Théâtre, Récits, Nouvelles*, pág. 2015.

<sup>16</sup> *Ibidem*, pág. 2015.

através dum efeito catártico. Ao mesmo tempo que Clamence se confessa e se reconhece a si mesmo tal qual é, acaba por se libertar dum enorme peso — o remorso!

Camus sente-se como Sísifo ao descer da montanha, nos momentos negros e tristes em que caminha para o seu repetido suplício, da pedra eternamente renovada. «... A seu modo, o exílio abre-nos os caminhos, com a única condição de sabermos simultâneamente recusar a sua servidão e domínio...»<sup>17</sup>.

A vida, contudo, continua, não permitindo atrasos. O combate tem de continuar! De novo a actividade literária aumenta, dedicando-se afanosamente ao seu trabalho, procurando as respostas desejadas para as questões repetidamente presentes.

Inesperadamente, um desastre de automóvel marca o «fim» da viagem. Em Janeiro de 1960, desaparece um homem cujo coração palpitou ao ritmo do nosso mundo e que tanto teria ainda para nos dizer.

Quando a morte sobrevém é sempre algo de brutal que se levanta contra a plenitude da vida; tendo a máscara do irremediável, é princípio e fim — tragédia das coisas que temos de padecer, tributo bem pesado do fogo roubado aos deuses. É a derrota pelo tempo, degradação do corpo, risco e contingência das coisas que ainda não são. É também o esquecimento, a diluição na história, que será irremediável e total, quando desaparecermos na memória dos outros.

Morrer de cansaço, como quem se lança, extenuado, num merecido repouso, feliz por o corpo se fechar para o mundo, morrer aceitando uma vez mais a nossa condição, isso sim, é verdadeiramente difícil! Deste modo, uma «morte feliz» seria uma expressão quase irónica, se não fosse patética. Tal é o título da primeira obra póstuma de A. Camus, aparecida a público no primeiro trimestre de 1971.

Novela pertencente ao período da sua juventude, plena de grandes defeitos e grandes qualidades, foi por ele abandonada na gaveta dos projectos inacabados. Trabalho estra-

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, pág. 2039.

nho de um autor muito falado e talvez, ainda hoje, pouco conhecido. Para muitos, continua a ser, básicamente, o «contador de histórias», o prosador romancista «tout-court», que por mero acidente caiu no campo de vulgares reflexões filosóficas. Para outros, é o pensador que reflecte uma perspectiva perante a vida muito típica do homem mediterrânico, o herdeiro da simplicidade violenta, do sorriso misterioso e ausente, patente nas faces quebradas e silenciosas das esculturas helénicas primitivas. É o homem que, em todas as suas páginas, não deixou nunca de ter presente o problema da existência em toda a sua complexidade.

Num certo sentido, pode ser encarado também como o filósofo por excelência, se entendermos que a este compete a necessária equação do «Quem sou?», «Como sou?», «Donde venho?», «Para onde vou?»...

A sua trajectória intelectual não nos apresenta um pensamento acabado. O que poderia ser a sua obra futura, é já um caminho que se aproxima demasiado da profecia e adivinhação. A sensação de instabilidade interior com que saímos da leitura cuidada dos seus trabalhos, poderá ser explicada pela carência duma dimensão metafísica, que, uma vez assumida, inevitavelmente imprime um tom mais categórico às afirmações daquele que a possui. Esta perspectiva é, também, um escudo contra o desânimo inerente à consciência de finitude presente naqueles que não podem deixar de ver a desagregação das coisas e dos seres que os rodeiam. Todavia, é certo também que nem todos temos a felicidade de a possuir ou de a saber procurar... Talvez esteja ao nosso lado! Quem sabe?... Camus pressentiu-a, mas não a quis. Na sua situação e com a opção feita, realizou o melhor que soube e de que foi capaz. Tudo o resto, são os dramas inerentes à nossa condição de liberdade.

Calígula, num acesso de ira, teria dito: «Os homens morrem e não são felizes»; Camus dirá: «Temos de morrer, pobres de nós se não formos felizes».

A felicidade não é um dom, mas sim uma conquista, assumindo a nossa dimensão de homens num tempo em que, quer o queiramos quer não, nos encontramos lançados. Interrogo-me, amiudadamente, sobre como foi possível lançar a Camus o epíteto sinistro de «pensador do absurdo», derro-

tado pela vida. Será que a felicidade estará somente ligada à inconsciência? Assim, só o louco será feliz, uma vez que o homem lúcido está irremediavelmente condenado!

Não nos iludamos. Camus foi um homem que sempre fugiu à mentira, apesar de viver num mundo onde ela é moeda corrente. A sua felicidade não lhe veio do bem-estar social — foi um homem nascido na miséria; mas sim, da sua capacidade de amar sem limites os outros, de procurar uma certa justiça, por entre a luz violenta que emana através das ruínas abandonadas duma Ítaca de «leite e mel», eternamente perdida no meio do oceano, e afinal, possível na próxima esquina por onde passarmos!

Porto, Setembro de 1971.

*Levi António Duarte Malho*